

## **O MUNDO DA BOLA. A PROIBIÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES EM DIFERENTES CAMPOS**

Nathália Fernandes Pessanha<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo busca levantar questões e tecer comentários acerca das proibições que recaíram sobre a prática do futebol de mulheres em diferentes partes do mundo. Sobretudo, como principais estudos de caso, no Brasil e na Inglaterra, países que possuem grande proximidade com o futebol masculino. Dessa forma, esse trabalho faz uso da perspectiva de História Global para pensar as proximidades e os afastamentos sobre as justificativas que culminaram com o cerceamento da mulher em esportes como futebol. Além disso, a perspectiva de História do Corpo também se fará presente, uma vez que, nesses discursos, mais do que proibir a prática do jogo, proíbe-se o corpo feminino de frequentar certos espaços e performar determinadas atitudes.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres; proibição; gênero

### **The forbid of women's footbaall in different fields**

**Abstract:** This article seeks to raise questions and comments on the prohibitions that fell on the practice of women's soccer in different parts of the world. Especially as the main case studies in Brazil and England, countries that are very close to men's soccer. In this way, this work makes use of the Global History perspective to think about the proximity and distances about the justifications that culminated in the restriction of women in sports such as football. In addition, the perspective of the History of the Body will also be present, since, in these speeches, more than prohibiting the practice of the game, the female body is prohibited from frequenting certain spaces and performing certain attitudes.

**Keywords:** Women's soccer; prohibition; gender.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. (PPGH-UFF). Email: nathaliafp@id.uff.br

## Apito inicial

Pensar a prática do futebol por mulheres em um país onde o futebol de homens é considerado como símbolo nacional, como é o caso do Brasil, requer o esforço da busca por outros futebolis.<sup>2</sup> O jogo feminino, em crescente efervescência nos anos 1920 e 1930, como retrata Aira Bonfim (2019) encontrava palco muitas vezes em outros ambientes, como o circo e o teatro. Sendo vistos muito mais como apresentações do que como esportes. Ainda assim, o medo de que as mulheres ocupassem os espaços antes destinados ao público masculino, bem como de que a prática de esportes considerados incompatíveis com o corpo feminino atrapalhasse o cumprimento de seu papel social como mães, fez com que o futebol de mulheres, dentre outros esportes que se encaixavam nessa consideração de incompatíveis, fossem proibidos por lei no Brasil, em 1941. Embora o decreto 3.199 de abril de 1941 não citasse explicitamente o futebol, os discursos correntes e a mentalidade de época assim o entenderam, cerceando ainda mais as possibilidades da prática do jogo pelas mulheres.

Contudo, é errôneo pensar que esse pensamento patriarcal que afirma que o espaço da mulher é o espaço do privado, enquanto ao homem cabe o espaço público, da rua, dos esportes e do lazer, era uma particularidade das terras tupiniquins. Do outro lado do Atlântico, em uma nação que se orgulha de ter sido a “inventora” do futebol, as mulheres foram cerceadas de praticá-lo. Durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto os homens ocupavam o *front*, as mulheres, sobretudo aquelas das classes trabalhadoras, ocupavam os postos deixados por eles, tanto nas fábricas, como nos esportes. Times fabris de mulheres começaram a ganhar os campos ingleses, sobretudo com o viés de jogos beneficentes. Com o fim da guerra, a sociedade inglesa encontrou maneiras de devolver aos homens aqueles que eram considerados seus locais de pertencimento, entre eles, os times de futebol. O que resultou no banimento feito pela Federação Inglesa de Futebol (FA), em 1921, da prática do futebol por mulheres em seus clubes associados. Outros países europeus também questionavam e desencorajavam a presença da mulher no futebol, como é o caso, por exemplo, de Alemanha e Itália.

---

<sup>2</sup> Uso o termo futebolis no sentido adotado por Arlei Damo, que diz respeito às diferentes formas e maneiras de praticar o esporte. Cf. DAMO, Arlei Sander. Senso de Jogo. *Revista Esporte e Sociedade*, n.1, nov2005/fev2006.

Neste ano, em 2021, completam-se 100 anos do banimento feito pela FA, e 80 anos do decreto proibitivo brasileiro. Essas tristes efemérides suscitam ainda mais a necessidade do debate acerca dessas proibições, sobretudo se levarmos em conta que o futebol de mulheres, principalmente no Brasil, mas também em grande parte do mundo, ainda hoje é menos visto e valorizado do que o dos homens. Além disso, tais proibições nos impulsionam a pensá-las fora do âmbito nacional, percebendo que os cerceamentos sobre o corpo feminino, usando dos mais diversos discursos e métodos são encontrados de diferentes lados do Atlântico.

Esse artigo possui um caráter introdutório e ensaístico, visando muito mais levantar e tecer discussões do que trazer respostas. Dessa forma, se propõe a pensar a proibição ao futebol feminino sobre uma perspectiva global, buscando delimitar e, na medida do possível, compreender as motivações e os discursos que eram usados como justificativas de cerceamento do corpo feminino e que acabaram culminando com o afastamento da mulher do espaço do futebol. Para tanto, será feito um pequeno debate teórico sobre as perspectivas e as margens do globalismo que está sendo trabalhado. E em seguida, será apresentada a discussão sobre as proibições ao jogo feminino levando em conta suas motivações que, grosso modo, circulavam o globo.

### **Primeiro drible – Algumas definições sobre a globalidade**

A busca pelo estudo do globo – ou por uma história que se pretendesse universal – não é recente. Diversos marcos foram considerados como definidores das origens de uma maneira global de fazer história. Para alguns, a globalidade se inicia com as trocas comerciais no Oriente Próximo, as Grandes Navegações ou a desagregação da União Soviética após a queda do Muro de Berlim. Contudo, descobrir um marco fundador para a perspectiva que ora se apresenta não é proposta desse trabalho, inclusive porque, a cada um desses eventos se sucede também uma nova metodologia ou perspectiva analítica – História Mundial, Transnacional, Atlântica, comparada etc. Entretanto, levantar outras questões se faz necessário. Como afirma Sebastian Conrad,

Há tempos que os historiadores procuram descrever o mundo, ou para ser mais preciso, o *seu* mundo (...). A definição de “mundo” variou conforme a perspectiva, com aquilo que os historiadores e seus contemporâneos estavam dispostos a descobrir e a comprovar. Os padrões de interação e de trocas, e a extensão das interconexões globais também concorreram para a construção e variação do conceito (CONRAD, 2019, p. 52).

Dessa forma, o que se faz urgente é situar o leitor sobre qual campo<sup>3</sup> deste vasto universo a partida irá se desenrolar. Mais necessário do que definir origens, é definir o que estamos considerando como mundo, e como iremos justificar essa escolha. Afinal, ainda segundo Conrad, “a História Global foi – e continua a ser – uma perspectiva particular, o que significa que ela é moldada pelas condições do tempo e do lugar onde emerge” (CONRAD, 2019, p. 52).

Uma observação importante a se fazer antes de delimitarmos a concepção de global que aqui será utilizada, diz respeito a reafirmar a premissa de que a História Global é aqui considerada como uma perspectiva, uma maneira de perceber e enxergar as relações, conexões e divergências de temáticas afins em diferentes partes do globo. Ainda de acordo com Conrad, podemos afirmar que

Enquanto abordagem distinta, a História Global se refere a uma perspectiva específica, a uma forma e criar ou de fazer o mundo. Nem “mundo” nem “global” são categorias evidentes e naturais. Elas aparecem como resultado de questões e interesses específicos (CONRAD, 2019, p. 223).

Dito isto, a globalidade aqui delimitada irá englobar, de forma mais específica, dois países, Brasil e Inglaterra, embora outros países sejam citados como exemplos ao longo do texto, como Alemanha e Itália. Essa escolha se deve a alguns critérios específicos. O primeiro e mais claro deles é o fato de que, em ambos os locais, a prática do futebol de mulheres foi oficialmente proibida ou banida, seja por entidades governamentais ou ligadas ao esporte. Em segundo lugar, o interesse pelo futebol – masculino – é notável nos dois países, onde o primeiro o tem como elemento importante em sua identidade nacional e o outro se considera como inventor da modalidade.

---

<sup>3</sup> Importante mencionar que uso a palavra campo aqui com intenção de realizar uma analogia ao campo de futebol. Não está sendo feita nenhuma referência ao conceito de campo estabelecido por Bourdieu.

Além disso, os discursos de cerceamento sobre o corpo feminino permitem debates que extrapolam fronteiras nacionais – extrapolam, inclusive os marcos considerados nesse artigo – afinal, a construção de muitos discursos, incluindo médicos e sanitaristas, estão ligadas a questões de patriarcalismo e machismo presente em diversas sociedades. Essas questões se tornam ainda mais relevantes quando consideramos, em acordo com Henrique Espada Lima (2019), que a História Global ganha em peso e espessura quando nos debruçamos sobre assuntos e temáticas que vão além, ao mesmo tempo que transpassam e questionam a construção do espaço nacional bem como de conceitos e tradições consideradas padrão. De acordo com Lima, “se uma história global deve ser feita, não pode ser só uma história de integração e cosmopolitismo, mas sim – e talvez sobretudo – uma história das desigualdades e das assimetrias, das resistências a esses mesmos processos” (LIMA, 2019, p. 492).

Dessa forma, a perspectiva global irá auxiliar a olhar para as proibições, práticas e permanências do futebol de mulheres nos diferentes locais, analisando e debatendo as resistências e continuidades de discursos e projetos construídos nos variados espaços nacionais que visavam definir e delimitar o papel da mulher na sociedade.

### **Em busca do gol – as práticas futebolísticas antes da proibição**

A prática de esportes como um elemento importante para a valorização da saúde física e mental é mais que centenária. Na Inglaterra Vitoriana, por exemplo, a realização de exercícios físicos foi incluída nas escolas da elite, visando a preparação de cidadãos saudáveis e aptos a ingressar na vida da sociedade de corte. Mais do que apenas aperfeiçoamento físico, acreditava-se que os esportes contribuíam para o crescimento moral dos jovens homens. Como argumenta Dean Allen,

In mid-Victorian times the elite boys' public schools became the main seats of training for England's next generation of the ruling classes. The aristocracy and the landed gentry had become firmly convinced of the inherent social value of sport, and along with the upper-middle classes, who had emerged from the industrial revolution, there was a move to ensure that sport's "school of moral training" would

continue for successive generations of young men (ALLEN, 2014, p. 22) <sup>4</sup>

Ao longo do século XX a importância dada ao esporte para a formação das próximas gerações foi crescendo e ampliando suas intenções. De acordo com Silvana Goellner,

Dentro dessa perspectiva, os exercícios físicos são apresentados como um poderoso instrumento modelador das formas e agente de ordenação dos corpos que, pela prática sistemática, aumentaria o capital-saúde da população. Em função dessa percepção, o esporte inicia, gradativamente, a adquirir importância no cenário cultural das cidades e a educação física é inserida como disciplina integrante do plano nacional de educação, cuja ação, no interior do contexto escolar, deveria desenvolver, ao máximo, as virtudes da raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo (GOELLNER, 2008, p.3-4).

Conforme o futebol foi se tornando cada vez mais um esporte que despertava paixões em diferentes partes do globo, tendo sido exportado das terras britânicas para suas diversas colônias e parceiros comerciais, crescia o interesse de tornar o futebol um esporte regulamentado e inserido nos currículos escolares. Na Inglaterra, por exemplo, segundo Jean Williams, o futebol passa a integrar o currículo das escolas de trabalhadores já no século XIX e, no início do século XX, as escolas de mulheres também começaram a ter o esporte em sua agenda. De acordo com Williams,

As football became a national game, it also came to be seen as appropriate for working-class boys, first as an extracurricular activity, then as representative sport following the establishment of the South London Schools Football Association in 1885.<sup>1</sup> At its founding, in 1904, the English Schools Football Association (ESFA) had as its primary objective ‘The mental, moral and physical development and improvement of schoolboys through the medium of Association Football’.<sup>11</sup> However, semantics aside, the Department of Education agreed, in 1906, that games could be added to the curriculum of state elementary schools for girls, and we see some evidence of school-based girls’ football (WILLIAMS, 2007, p. 113). <sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> “Em meados da era vitoriana, as escolas públicas masculinas de elite se tornaram os principais centros de treinamento para a próxima geração das classes dominantes. A aristocracia e a pequena nobreza se tornaram firmemente convencidas do valor social inerente ao esporte, e junto com a classe média alta, que emergiu da revolução industrial, houve uma mudança para garantir que a “escola de treinamento moral” continuaria por gerações sucessivas de jovens homens.” (Tradução minha).

<sup>5</sup> “A medida que o futebol se tornou um jogo nacional, também passou a ser visto como apropriado para meninos da classe trabalhadora, primeiro como uma atividade extracurricular, depois como esporte representativo após o estabelecimento da South London Schools Football Association em 1885. Na sua fundação, em 1904, a English Schools Football Association (ESFA) tinha como objetivo principal ‘O desenvolvimento e aperfeiçoamento mental, moral e físico de alunos por meio da Associação de Futebol’. No

Como visto, no início do século o esporte e, especificamente, o futebol, estava presente na vida das meninas inglesas. No Brasil, as famílias de classe média-alta, também possuíam intimidade com os esportes. Inicialmente, através do Remo e do Turfe e, com a popularização do futebol, também com essa nova modalidade. Como afirma João Malaia (2012), as damas da sociedade frequentavam os jogos, sendo, inclusive, atribuída a elas muitas vezes o mito de criação do vocábulo “torcida”, pois ficariam torcendo seus lenços nas arquibancadas enquanto acompanhavam os lances do jogo.

A busca pela evidência do primeiro jogo de futebol praticado por mulheres não é uma tarefa fácil, sobretudo porque os rastros ou fontes sobre partidas femininas foram perdidos com o tempo. Contudo, segundo Williams (2014), o primeiro *match* feminino foi provavelmente uma partida não oficial disputada com algumas regras da federação inglesa entre dois times que se autoneavam Inglaterra e Escócia, em 1881. Já no Brasil, de acordo com Aira Bonfim (2019), muitos pesquisadores colocavam o estopim da prática de futebol por mulheres na década de 1920, contudo, foram encontradas evidências de partidas realizadas pelo menos na década anterior.

Além disso, novamente de acordo com Bonfim, no início do século XX, muitas festas esportivas eram realizadas, sobretudo para estimular a prática de exercícios físicos para senhoras brancas de classe alta, para quem o projeto de modernidade brasileiro se dedicava. Nessas festas, as mulheres praticavam e torciam em diversas modalidades.

Ao longo dos anos 1920 e 1930, o futebol de mulheres ganhou cada vez mais espaço em terras tupiniquins, ainda que frequentando diferentes campos. O circo se tornou um local onde diversas apresentações de futebol feminino eram realizadas. Tais apresentações circulavam todo o país e levavam os jogos femininos aos mais diversos cantos. Além dos circos, os teatros de revista também eram locais onde o futebol era praticado. Segundo argumentos de Bonfim,

De acordo com as fontes pesquisadas, dos primeiros fenômenos presenciados no teatro de revista do Rio de Janeiro, em 1921, até

---

entanto, semântica à parte, o Departamento de Educação concordou, em 1906, que os jogos poderiam ser adicionados ao currículo das escolas primárias estaduais para meninas, e vemos algumas evidências de futebol feminino nas escolas.” (Tradução minha)

o ano de 1930, foi possível comprovar a presença do futebol feminino no Estado de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A partir da década de 1930, a geografia desses deslocamentos ganhará a amplitude da Região Norte e Nordeste (...) Além do estado do Paraná (BONFIM, 2019, p. 104-105).

Interessante perceber que a interiorização das práticas femininas levadas pelo circo e pelos teatros narrada por Aira, possui algumas características semelhantes àquela aventada por Mascarenhas (2014) para a interiorização do futebol masculino, muito embora as práticas dos futebolis tenham sido realizadas em formatos e campos diferentes.

Em outras partes do globo, o caminho do futebol de mulheres também seguiu rumos de expansão após a primeira partida registrada. Segundo o panorama registrado por Williams,

Women's football also developed in Germany and Austria after the First World War and there is some evidence of a game in Russia. The United States and Canada had college-based soccer programmes for women since the early 1920s, at least, and there is some evidence of female college players in Hong Kong (WILLIAMS, 2014, p.69).<sup>6</sup>

As partidas de futebol de mulheres realizadas na Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial se desenrolavam, sobretudo, entre times de fábricas. Com a saída de grande parte da população masculina para a guerra, as mulheres inglesas, e europeias de maneira geral, acabaram ocupando o espaço deixado pelos homens, tanto nos postos de trabalho, quanto nas práticas sociais. De acordo com Williams (2013) foi criado um termo para se referir a essas mulheres que jogavam partidas com grande representação de público entre 1917 e 1921, na maioria das vezes visando a caridade: as *Munitionettes* aumentaram suas atividades sobretudo depois que a necessidade por munição e, dessa forma, o trabalho na fábrica começou a diminuir. Segundo Williams, o time mais famoso *Dick, Kerr's Ladies* começou a jogar mais seriamente a partir de outubro de 1917. Outros times de fábricas de outras categorias também passaram a ser conhecidos nesse período.

---

<sup>6</sup> “O futebol de mulheres também se desenvolveu na Alemanha e Áustria depois da Primeira Guerra Mundial e existem algumas evidências de jogos na Rússia. Os Estados Unidos e o Canadá possuíam programas de futebol para mulheres nas escolas desde pelo menos o início dos anos 1920 e há evidências de algumas jogadoras estudantes em Hong Kong.” (Tradução minha)



Novamente segundo Williams, na França o futebol feminino também ganhou destaque na época, criando muitos times em 1916. A Federação das Sociedades de Esportes femininos na França (FSFSF) realizou inclusive um campeonato nacional, reunindo times de Marselha, Reims, Paris e Toulouse. De acordo com a autora, “in France, the exclusion of women from male sports Federation had led to a rise in the number of sports clubs dedicated to their interests” (WILLIAMS, 2013, p. 19).<sup>7</sup> Entre esses clubes se destacam academias de dança e atletismo que permitiam a participação feminina.

Um interessante ponto a destacar é que a partida feminina que visava levantar renda para a caridade foi tida, por algum tempo, como algo positivo. No Brasil, mesmo durante a proibição, como será visto adiante, muitos jogos com fins beneficentes eram aceitos pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), sobretudo porque eram considerados muitos mais shows ou apresentações do que práticas esportivas. Os jogos beneficentes dos times ingleses atraíam também grande público e levantavam renda considerável, muitas vezes destinadas as cidades e famílias em situações complicadas devido à guerra. Essa associação da mulher com a caridade também está relacionada com o que se pensa ser o papel social do corpo feminino: a maternidade. Vistas como apresentações que, ao fim e ao cabo, tinham como objetivo cuidar de parcelas da sociedade, os jogos para caridade eram importantes momentos de apresentação de times femininos. De acordo com Eriberto Moura, a prática do futebol de mulheres beneficente “remete-nos para o ‘mito do jogo fantasia’, ou seja, que o futebol feito por mulheres só existiria se fosse por uma ‘boa e caridosa causa’ ou que trouxesse à assistência risos e gracejos. A prática do futebol não poderia existir como um conteúdo do ‘lazer feminino’” (MOURA, 2003, p. 45).

---

<sup>7</sup> “Na França, a exclusão das mulheres da federação esportiva masculina levou ao aumento do número de clubes esportivos dedicados a seus interesses.” (Tradução minha)

### **Lance impedido – Discursos de estímulo à proibição.**

As tentativas de debates e cerceamentos sobre o corpo feminino não são uma novidade do século XX. Desde a implementação da medicina moderna, com a necessidade de aumento da natalidade, sobretudo em períodos de crises e guerras, a preocupação com a maternidade e com a geração de novos cidadãos virou papel do Estado.<sup>8</sup> Como informa Karla Carloni, a respeito da situação brasileira:

Tentativas de controle do corpo feminino vinham da medicina, das práticas jurídicas e da Igreja também. O discurso médico-sanitarista no Brasil desde meados do século XIX caracterizava a mulher a partir dos seus útero e ovários. Os humores, as doenças e o comportamento estariam ligados diretamente a esses órgãos que, por sua vez, definiam o único papel do gênero na sociedade: reproduzir (CARLONI, 2019, p. 96).

A preocupação em gerir o corpo da mulher e destiná-lo, sobretudo, a concepção de novos cidadãos não é, como já afirmado, particularidade brasileira. Na Alemanha, por exemplo, durante o regime nazista, o papel da mulher como progenitora e criadora dos filhos foi reafirmado, evidentemente, tratando-se da mulher ariana, que devia procriar e perpetuar a raça, conforme apontam Joana Kupp e Roberta Barros,

Dessa forma, enquanto o homem era convocado para a defesa da pátria durante o período de conflito armado, a mulher era exaltada como figura materna e submissa ao marido. A propaganda a elas destinada mostrava-as como a pessoa responsável pelo lar, pelos filhos e pelo bem-estar da família, exaltando as qualidades germânicas e os ideais de comportamento buscados pelo Partido Nazista. (KUPP; BARROS, 2018, p.33)

Esse discurso médico e sanitarista que permeava a sociedade ao longo de todo o século XX, orientou a inserção de práticas de atividades físicas para a sociedade, e para as mulheres em particular, como já mencionado anteriormente. Esperando-se que, de um corpo sadio, viessem cidadãos fortes e saudáveis. Essa preocupação, segundo Silvana Goellner, orientou a inclusão das mulheres nos

---

<sup>8</sup> Sobre as modificações na concepção sobre a maternidade e a criação dos filhos, CF. MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim. A maternidade na História e a História dos cuidados maternos. *Revista Psicologia, ciência e Profissão*, 2004.

esportes e nas práticas corporais em diversos países, como Argentina, Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido, França, Espanha, Itália e Portugal (GOELLNER, 2008).

Importante salientar que, para o caso brasileiro, assim como na Alemanha nazista, a maternidade com que o Estado estava preocupado na primeira metade do século XX visando o nascimento de novos cidadãos, era a maternidade branca e, em geral, de classe média e alta. Conforme afirma Goellner,

Se por um lado o incentivo à participação feminina no universo das atividades corporais e esportivas estava voltado para a maior inserção na vida social daquele tempo, por outro, estava absolutamente integrada à política nacionalista em voga que, assentada na eugenia e no higienismo identificava o corpo feminino como o local privilegiado para a construção de uma nova raça. Além disso, ao anunciarem os contornos corporais ideais das mulheres brancas esses discursos enunciavam o lugar do outro, do negativo, do intolerável nos corpos brasileiros. (GOELLNER, 2008, p. 17)

Contudo, do mesmo modo que a preocupação com uma maternidade sadia por um lado orientou a inserção das mulheres no mundo das práticas corporais, por outro serviu como base discursiva para o afastamento dos corpos femininos daqueles esportes que eram considerados inadequados para eles.

Em adição, outros discursos também foram incorporados ao da incompatibilidade do corpo feminino para afastar as mulheres da prática do futebol. Na Inglaterra, por exemplo, como já mencionado, com o retorno dos homens para o país após o fim da guerra, a sociedade acreditava que eles deveriam retornar aos postos que haviam sido ocupados pelas mulheres no período de confronto, incluindo o da prática do futebol.

Nesse sentido, a Federação Inglesa de Futebol publicou uma determinação, em 1921, onde solicitava aos clubes federados que encerrassem os times femininos e proibissem partidas oficiais em seus clubes. Dizia o primeiro parágrafo do documento: “Complaints have been made as to football being played by women, the Council feel impelled to express their strong opinion that the game

of football is quite unsuitable for females and ought not to be encouraged” (*The Football Association 1921:3 apud WILLIAMS, 2014, p. 66*).<sup>9</sup>

Argumentos muito semelhantes aos encontrados no decreto-lei que proibiu a prática do futebol e de outros esportes por mulheres no Brasil, considerando tais atividades incompatíveis com o corpo feminino. O decreto -Lei 3.199 de abril de 1941, criava o Conselho Nacional de Desportos, órgão que seria responsável por gerir os esportes no Brasil a partir dali e, em seu artigo 54 estabelecia que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.<sup>10</sup> O que efetivamente foi feito em 1965, quando o Conselho publica uma determinação na qual nomeia os esportes proibidos às mulheres. Contudo, mesmo antes da deliberação nominal do Conselho, a prática do futebol de mulheres sofria cerceamentos e proibições.

A justificativa para a não permissão da prática do futebol por mulheres em diversas partes do globo, residia na crença, baseada na maioria das vezes em discursos médicos, de que o esporte poderia fazer mal aos órgãos reprodutivos femininos, prejudicando assim, a eficácia do cumprimento do papel social esperado das mulheres, a maternidade. O que pode ser percebido, por exemplo, em reportagens de jornais, como a publicada pelo jornal *O Imparcial*. Em manchete intitulada “Football não é *sport* que deva ser praticado por mulher”, o jornal trazia a opinião do professor Nery Machado, que afirmava condenar a ‘absurda inovação’ que era a prática do futebol pelas mulheres.<sup>11</sup> O professor, que segundo a reportagem era médico ginecologista, defendia seu repúdio ao mesmo discorrendo sobre as incompatibilidades do corpo feminino com o esporte.

Além disso, havia o medo, expresso mais claramente em épocas vindouras, de que a prática de determinados esportes causasse a masculinização dos corpos femininos, com a apuração de curvas e músculos, rompendo assim os

---

<sup>9</sup> “Reclamações foram feitas sobre o futebol praticado por mulheres, o Conselho se sentiu impelido a expressar sua forte opinião de que o jogo de futebol é incompatível para as mulheres e não deve ser encorajado.” (Tradução minha)

<sup>10</sup> BRASIL. Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941.

<sup>11</sup> *O imparcial*, 01/01/1941, p. 14.

estereótipos formados sobre o corpo feminino e nublando as barreiras de gênero. De acordo com Goellner, “seu sucesso nessas práticas poderia infringir as leis da natureza pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso das diferenças naturais cuja base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre o outro” (GOELLNER, 2005, p.145).

A criação de argumentos contrários à prática do futebol por mulheres ainda vai além na determinação da Federação Inglesa. Segundo o mesmo documento do Conselho, a realização dos jogos femininos que, em sua maioria tinham como pano de fundo a arrecadação de dinheiro para caridade, estaria sendo desvirtuado de seus propósitos. Segue o segundo parágrafo da deliberação do Conselho:

Complaints have also been made as to the conditions under which some of these matches have been arranged and played, and the appropriation of the receipts to Other than Charitable objects. The Council are further of the opinion that an excessive proportion of receipts are absorbed in expenses and an inadequate percentage devoted to Charitable objects. For these reasons the Council request the clubs belonging to the Association to refuse the use of their grounds for such matches. (*The Football Association 1921:3 apud WILLIAMS, 2014, p. 66*)<sup>12</sup>

Ou seja, mesmo os jogos com o viés beneficente, que aqui no Brasil continuava sendo visto com “bons olhos”, foi cerceado pela federação inglesa, que fez uso de um argumento econômico como base para frear uma prática social que crescia no país. Mesmo com a associação da caridade ao papel benevolente permitido aos corpos femininos, a FA decidiu banir a prática do esporte de seus clubes oficiais.

Em resumo, os mais variados argumentos foram lançados com o intuito de impedir a prática do futebol de mulheres, seja através da solicitação de banimento feita pela Federação Inglesa, ou por decreto como publicado no Brasil. Ou ainda

---

<sup>12</sup>“Também foram feitas queixas quanto às condições em que alguns desses jogos foram organizados e disputados, e a apropriação das receitas para outros objetos que não de caridade. O Conselho é ainda de opinião que uma proporção excessiva das receitas é absorvida nas despesas e uma percentagem inadequada dedicada a objetos de caridade. Por estes motivos, o Conselho solicita aos clubes pertencentes à Associação que recusem a utilização do seu terreno para tais jogos.” (Tradução minha)

através do não incentivo a formação de times femininos, como levado a cabo em outros países da Europa, como, por exemplo, a França que, apesar de não instituir um banimento, não aceitava times feminino na federação e a Alemanha, cuja federação regularmente desencorajava a formação de times femininos, como afirma Williams (2013). Fato é que baseando-se nos mais diversos discursos, o cerceamento sobre o corpo feminino se fazia presente nos dois lados do oceano, buscando reservar à mulher o papel social esperado dela: a criação de cidadãos saudáveis para os países.

### **O Jogo continua – permanências e desvios**

A despeito da proibição do futebol de mulheres no Brasil, diversas partidas seguiram sendo relatadas nos jornais nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Os circos, que desde os anos 1920 já forneciam seus picadeiros para a realização de jogos femininos seguiu sendo um ambiente onde as partidas eram praticadas, como mostra o anúncio feito no periódico *Gazeta Esportiva*, em coluna assinada por Tito Neto, intitulado “No mundo Circense”,<sup>13</sup> que continha um cartaz com informações sobre a apresentação da partida, além de outras exibições com publicações menores no mesmo jornal,<sup>14</sup> lembrando o dia da apresentação.

Além disso, as partidas beneficentes também eram repetidas vezes noticiadas nos periódicos, e acabavam escapando das vistas do CND, sobretudo porque elas não eram consideradas como uma prática esportiva, mas sim como ‘shows’. O jornal *Diário da Noite*, por exemplo, trouxe, em 1961 uma reportagem sobre uma partida de futebol feminino realizada em prol das crianças da Casa André Luiz, orfanato que acolhia crianças com deficiência. O tom da notícia era de apoio e incentivo à partida.<sup>15</sup>

Essa caracterização das partidas retirava as mesmas do escopo de controle do Conselho, visto que cabia ao órgão apenas a regulamentação das práticas esportivas. Soma-se a isso, a ideia já apresentada de que as partidas voltadas para a caridade faziam parte da “alçada” feminina, uma vez que estavam em diálogo com o papel considerado da mulher, de cuidados e benevolência.

---

<sup>13</sup> *A Gazeta Esportiva*, 9/08/1956, p. 31.

<sup>14</sup> *A Gazeta Esportiva*, 17/12/1955, p. 27.

<sup>15</sup> *Diário da noite*, 16/03/1961, p. 11

Na Europa, diversas partidas de futebol de mulheres também seguiam acontecendo, mesmo nos países onde as federações de futebol não apoiavam a prática, como nos já citados casos de Inglaterra, França e Alemanha. Na Inglaterra, por exemplo, as partidas femininas, inclusive contando com a presença do famoso time de fábrica *Dick, Kerr's Ladies* seguiu acontecendo pelo menos na primeira metade dos anos 1920. Segundo Williams, em 1923 o time viajou para os Estados Unidos para jogar contra um time masculino. Mas essa teria sido, de acordo com a autora, uma atividade isolada. De um modo geral, as partidas, embora continuassem acontecendo, não poderiam ter um caráter oficial. De acordo com a autora,

So far as migration and professionalism however, there is emerging evidence of Women travelling between Scotland, Ireland and the north of England to compete Against one Other and a growing number of teams in mainland European countries including France, Belgium, and Spain. (WILLIAMS, 2013, p.20)<sup>16</sup>

Segundo a coletânea publicada em homenagem aos 100 anos da FIFA (2004), mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial, a entidade ainda não se preocupava com os rumos do futebol feminino, que se desenvolvia fora dos seus comandos. De acordo com o livro, “For FIFA women’s football was a question of biology and education best left to doctors and teachers. In 1952 the future was not feminine” (EISENBER, et al., 2004, p. 187).<sup>17</sup> Ainda de acordo com a mesma obra, apesar da ausência da FIFA, já em 1957 nasceu uma organização capaz de criar um campeonato europeu, a *International Ladies’ football Association*, que reuniu times da Inglaterra, Áustria, Luxemburgo, entre outros, demonstrando a popularidade e continuidade da prática do futebol pelas mulheres.

Nos anos 1970, o futebol de mulheres caminhava em ritmo acelerado para a popularização a nível mundial. No Brasil, a prática continuava proibida por decreto, que só foi revogado no último ano da década, muito embora as mulheres

---

<sup>16</sup> “No que diz respeito à migração e profissionalismo, entretanto, há evidências emergentes de mulheres viajando entre a Escócia, a Irlanda e o norte da Inglaterra para competir umas contra as outras e um número crescente de equipes em países europeus continentais, incluindo França, Bélgica e Espanha.” (Tradução minha).

<sup>17</sup> “Para a FIFA o futebol de mulheres era uma questão de biologia e educação mais bem encaminhada por médicos e professores. Em 1952, o futuro não era feminino.” (Tradução minha)

continuassem encontrando meandros e novas arenas para jogar o futebol, como por exemplo, o futebol de areia.<sup>18</sup> Na Europa, muitos países começaram a criar federações femininas ou aceitar times femininos em suas federações, como é o caso da Itália, que em 1970 cria a *Federazione Femmine Italiana Gioco Calcio* (FFIGC), com quarenta times, segundo informa Williams. Também em 1970 na Itália e no ano seguinte, em 1971, no México são realizados campeonatos mundiais femininos. A copa de 1971 no México foi bem divulgada inclusive pelos veículos de imprensa brasileiros, mesmo que o Brasil não tenha participado do campeonato. De acordo com Williams (2013), a realização desses campeonatos marcou também a agência e o interesse de empresários independentes das entidades governamentais que começaram a perceber e explorar o potencial comercial do futebol feminino. Esse interesse fez com que entidades responsáveis pela gerência do futebol, como a FIFA, percebessem como necessário a regulamentação da modalidade, caso contrário, iria crescer fora da sua gestão.

### **Pós-Jogo**

Embora o futebol de mulheres estivesse caminhando, continuava sem o carimbo de entidades internacionais. No Brasil, já em 1971, foi publicada uma reportagem em Jornal de grande circulação, sobretudo na região sudeste do país, o *Jornal do Brasil*, informando que a FIFA recomendava o futebol feminino.<sup>19</sup> Apesar da reportagem, como visto, a modalidade continuou sendo proibida no país até 1979 e sem uma regulamentação específica da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) até 1983. Entretanto, esse descaso de entes oficiais não era uma realidade somente brasileira. Segundo Williams, “the point is that there were financial and popular interests involved in the post-war women’s game well before it was accepted by the national and international governing bodies of football” (WILLIAMS, 2013, p.26).<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> *Jornal do Brasil*, 29/01/1976, p. 4

<sup>19</sup> *Jornal do Brasil*, 16/11/1971, p. 36

<sup>20</sup> “A questão é que havia financiamento e interesse popular envolvidos no futebol de mulheres no pós-guerra muito antes dele ser aceito pelos organismos nacionais e internacionais do futebol”. (Tradução minha)



Em março de 1980, a federação de futebol alemã (DFB) se reuniu para discutir um congresso sobre o futebol feminino. A FIFA reporta tal evento em seu jornal informativo, o *FIFANews*. A nota diz o seguinte:

Una convención sobre el fútbol femenino en las asociaciones miembros de la DFB se llevará a cabo entre el 28 y el 29 de marzo de 1980 en Frankfurt. Conferenciantes de ambos sexos tratarán el tema de las posibilidades para la promoción del fútbol de mujeres y de niñas.

Esta sesión estará dirigida por el Presidente del Consejo Deportivo de la DFB, Walter Baresel, y por las conferenciantes sobre fútbol femenino de la DFB Hannelore Ratzeburg y Christel Rother. Em el programa figuran, entre otras, la formación y el perfeccionamiento de entrenadoras, relaciones públicas y fútbol escolar.<sup>21</sup>

Em outubro do mesmo ano, a federação alemã informou o crescimento da participação de envolvidos no futebol de mulheres e meninas no país.<sup>22</sup> No mesmo sentido, a Irlanda do Norte também se pronunciou, alegando que o país deveria se preparar para o futebol de mulheres, devido ao seu crescimento em diversos países.<sup>23</sup> Diante do aumento das notícias da prática de futebol de mulheres em diferentes locais, no ano seguinte, logo em Janeiro de 1981, o editorial da edição nº 212 do jornal *FIFANews*, assinado pelo então presidente João Havelange, assinala o desejo da FIFA para o ano que se inicia, de colocar sobre seus cuidados as modalidades que estão se desenrolando fora de sua alçada, citando, nominalmente, o futebol de cinco e o futebol feminino.<sup>24</sup>

Em suma, como visto, a proibição da prática do futebol de mulheres ao redor do mundo aconteceu das mais variadas formas e usando de uma miríade de argumentos que embasassem seu cerceamento. Sob as afirmações de prejuízo ao corpo feminino, desvio de dinheiro destinado a caridade, ou ainda alegando que o esporte era simplesmente incompatível para o público feminino, o futebol de mulheres precisou resistir e existir sob anos de censura. Nesse cenário, a

---

<sup>21</sup>“Uma convención sobre o futebol feminino das associações membros da DFB se levará a cabo entre 28 e 29 de março de 1980 em Frankfurt. Conferencistas de ambos os sexos tratarão sobre as possibilidades de promoção do futebol de mulheres e meninas. Essa sessão será presidida pelo presidente do Conselho Desportivo da DFB, Walter Baresel, e pelas conferencistas de futebol feminino da DFB, Hannelore Ratzeburg y Christel Rother. No programa figuran, entre outros, a formação e o aperfeiçoamento de treinadoras, relações públicas e do futebol escolar.” (Tradução minha). *FIFANews*, nº 202, março de 1980, p. 166.

<sup>22</sup> *FIFANews*, nº 209, outubro de 1980, p.596

<sup>23</sup> *FIFANews*, nº211, dezembro de 1980, p. 727.

<sup>24</sup> *FIFANews*, nº 212, janeiro de 1981, p.5

entidade responsável por regular o futebol mundial preferiu se calar diante de décadas de banimento dos corpos femininos, resultando em uma oficialização tardia.

A proibição ou o banimento das práticas de futebol de mulheres de maneira oficial em diferentes partes do mundo teve um impacto direto no desenvolvimento deste futebol. Hoje, o futebol de mulheres ainda é percebido como inferior ao masculino por relevantes parcelas da população e das pessoas diretamente associadas a ele. Diante disso, recebe menos incentivo, possui menos espaço de televisão e menos visibilidade.

A FIFA, enquanto entidade suprema de gerência do futebol mundial têm sua parcela de culpa nesse silenciamento, visto que, por anos, atuou ou incentivando a não participação feminina no esporte, ou fazendo vista grossa e legando às federações nacionais a sua gerência. Enquanto entidade global, é razoável pensar que caberia também a FIFA questionar ou limitar os cerceamentos e as proibições feitas ao futebol de mulheres ao longo de tantos anos. Contudo, como já afirmado, não foi isso que aconteceu. A modalidade só entra no guarda-chuva da FIFA depois das mulheres enfrentarem os mais diversos silenciamentos. A primeira Copa do Mundo organizada pela entidade se deu somente em 1991, há trinta anos, depois de mais de cem anos que o esporte já vinha sendo praticado em sua vertente feminina. A realização da Copa do Mundo tardia acaba aumentando o time de mais uma efeméride comemorada este ano.

### **Referências bibliográficas**

- ALLEN, Dean. 'Game for the boys': sport, empire and the creation of masculine ideal. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (Orgs). **Routledge handbook of sport, gender and sexuality**. Routledge, New York, 2014.
- BONFIM, Aira. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução a proibição (1951-1941)**. Dissertação (Mestrado em História Política e

bens culturais), Centro de Pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

CARLONI, Karla. “Requebrando os Quadris”: jazz, gêneros e revistas ilustradas no Rio de Janeiro (1920). **Locus - Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.79-99, 2019.

CONRAD, Sebastian. **O que é a História Global**. Editora Edições 70, Lisboa, 2019.

EISENBER, Christina et al. **Fifa (1904-2004): 100 years of football**. Londres: Weidenfeld & Nicolson. The Orion Publishing Group, 2004.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e futebol no Brasil: entra sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física**. São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005

GOELLNER, Silvana. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, 2008.

KNIJNIK, Jorge. Gendered barriers to Brazilian female football: Twentieth century legacies. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (Orgs). **Routhledge handbook of sport, gender and sexuality**. Routhledge, New York, 2014.

KRUPP, Joana Luisa; BARROS, Roberta Coelho. A instituição da maternidade e a representação feminina na Alemanha nazista. Anais do VII SPMVAV – Seminário de Pesquisa em Artes Visuais [recurso eletrônico]: práticas artísticas e ensino em tempos de resistência: reunião de artigos do VII SPMVAV, de 04 e 05 de outubro de 2018, Pelotas, RS / organização Gabriela Kremer Motta, Joana Luisa Krupp, Larissa Patron Chaves Spieker. – Pelotas: UFPel, 2019.

LIMA, Henrique Espada. O Global e seus paradoxos: a construção imaginada de um campo historiográfico. Revista **Esboços. Histórias em contextos globais**. Florianópolis, 2019.

MALAIÁ, João M.C. Torcer, torcedores, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIÁ, João M.C; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade. **A torcida Brasileira**. Rio de Janeiro, editora 7letras, 2012.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Ed: UERJ, Rio de Janeiro, 2014.

MOURA, Eriberto. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim. A maternidade na História e a história dos cuidados maternos. **Revista Psicologia, ciência e profissão**, 2004.

WILLIAMS, Jean. **A Beautiful game. International perspectives on Women's football**. Berg, editorial officers. Oxford, 2007

WILLIAMS, Jean. **Globalising Women's football. Europe, Migration and Professionalization**. Peter Lang AG, International Academic Publishers, Bern, 2013.

WILLIAMS, Jean. The gendered governance of Association Football. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (Orgs). **Routledge handbook of sport, gender and sexuality**. Routledge, New York, 2014.